

REVISTA

DO

PARTHENON LITTERARIO

---

QUARTO ANNO

AGOSTO DE 1875

II

---

PORTO ALEGRE

IMPRESA LITTERARIA

1875



# SERÕES DE UM TROPEIRO

(COLLEÇÃO DE CONTOS SERRANOS)

*Almas de Paria*

## O TENENTE NICO

### XI

O dia 25 de Março punge alfim d'entre as brumas mortecoras do levante as luciferas radiações de uma d'essas esplendidas auroras do outomno, tão bellas, espargindo rosas e palhetas d'ouro por sobre o albornoz de neblina dos genios da noute, que fogem deslumbrados e espavoridos.

Romper d'alva do outomno, de minha terra natal!... como tua augusta magestade me encanta!.. como os teus mysterios me afforão na aridez da alma desencantada as illusões, que a realidade esfolhou, como a spyra do pampeiro esgarça, torce, desarraiga e precipita ao fundo dos abysmos o tenro arbusto, que vicejava no descampado!

Que suave emoção, que doces e gratas reminiscencias me vindes despertar, madrugadas do outomno de minha terra natal, erguendo em turbilhões nas cinzas frias de fogueira extincta, aquelles phantasiosos sonhos, que a mocidade architectara em mundos imaginosos!

Exaltem o inverno, que confrange nas gelidas lufadas alma, carnes e musculos; o estio, que abafa o espirito na urna physica a transbor-

far languoros ; a primavera, que arrebatá pelos sentidos, que se in-  
caudece na febre do gozo, como os subtilez vapores da fraxiuella se vo-  
latisão e inflammão ao contacto da luz, e que apoz instantes evaporão-  
se gastos e saciados ; exaltem-nos, que ainda assim, outommo, serás  
sempre grandioso na magestade do lar como na planura infinita dos  
oceanos, na cumiada alterosa das cordilheiras e nas profundas arca-  
rias da abobada dos céos !

Exaltem, prestem as homenagens de precedencia á primavera, mas  
só aquelles cujo berço não oscillou aos suaves bafejos das brisas rio-  
grandenses ; só aquelles que, descerrando os olhos á luz, não gravarão,  
indelevel, na primeira percepção, a imagem opulenta e gracil, que os-  
tenta a luxuriante e variegada tela da natureza nas regiões do meio  
dia da America ! Entoem-lhe hosanas, consagrem lhe templos e cultos,  
cognominem-na a estação dos risos e das nupcias, dos canticos e dos  
perfumes, e ainda assim de sua aureola de ficticia gloria jamais trans-  
luzirá esse sublime conjuncto do bello, esse feixe de esplendores, que  
tu desatas n'um horizonte lymphido, azul e profundo como essa immensa  
porção d'ether que se distende entre a terra, o mar e o céo de minha  
patria n'um romper d'alva de Março, n'uma tarde de Abril, em uma  
noute de luar de Maio !

A primavera irrompendo d'entre os gelos do inverno, vestindo de  
folhagem os esqueletos do sertão desnudo, reverdecendo os campos  
crestados pelas rispidas refégas do minuano e a crystalea pulverisação,  
das geadas ; a primavera sorrindo em cada flor, que de brocha vivaz  
bordando a campina de brilhante esmalte, cantando idyllios de amor  
em cada fremito da aragem impregnada de perfumes, que estremece em  
voluptuoso offêgo o seio da floresta, ou nos languentes queixumes, que  
soluca a lymphá crispando-se ao bater d'aza do guanamby, é bella !....  
E quem nega-lhe preitos, na ebriedade dos sentidos ?

Ninguem, por sem duvida.

Como a garrida aldeã em seu dia natal, enfeitadas as tranças de  
flores, a alma perfumada de esperanças e gozos, doudeja, correndo, can-  
tando e sorrindo, ella esplende, voluptuosa odalisca, os rutilos brilhos  
das galas com que se arreja.

Mas... como é inconstante a primavera ?

Quem não se recorda haver sido surprehendido a tiritar de frio  
em pleno mez de Setembro, ou possuido de tedio n'esses longos dias  
sem luz e sem brilhos, sem calor e sem perfumes, n'esses monotonos  
dias de chuvas, que occasionão as enchentes de S. Miguel tão ruinosas  
aos insulares e moradores ribeirinhos do Guahyha e seus opulentos  
affluentes ?... quem não tremeo ao lembrar-se que alã, na costa do  
mar, o fatal açoute do Santa Rosa cava no oceano a arca, em que  
guarda o tribulo de cem naufragios e de mil vidas ?... quem não re-  
ceiou na lagôa dos Patos os pampeiros costumeiros, que assignalão o  
equinoxio ?... quem não se esafadou com o morno rebojar das venta-

nias de Outubro, ou não escaudou-se aos raios do sol de Novembro?...

E' o outomno a quadra do anno privilegiada e dilecta do rio-grandense. Sazão sublime em que a natureza tropical parece concentrar-se subordinada a leis physicas benificas, periodicas e prefixas, que alternão-se com precisão chronometrica, troa-formando em fructo dulcissimo a flor, que a primavera espontou e o estio desenvolveo; em que o céo, como a terra, pauta o movimento pela mesma norma grave e soberana do omnisciente engenho; em que o homem sente-se robustecer á cada hausto de ar, que a glottis ab-orve d'essa lymvida atmosphera, inspirando o aos pulmões fatigados.

Outomno da minha patria! romper d'alva de Março, pôr do sol de Abril, plenilunios de Maio, que em teu rocio, que em tua olente bafagem, que com teus languentes raios banhaste-me a fronte sci-smadora de moço... ó quadra bendita, eu consagro-te todo o meu enthusiasmo!

E os bruxoleios do arrebol da manhã ferindo o espaço com suas rutilas arestas de-stacavão do grupo verde do arvoredado que a circumdava, a casa branca da estancia do Capão ralo, em cujas paredes caiadas de tabalinga imprimia a aurora os primeiros beijos e verberava o dia as primeiras scintillações.

Ha porém risos que suffocão magoas intensas, como o remanso das correntes, nos caldeirões dos rios, occultão no polido e na apparente serenidade da superficie o fraguado ponteagudo do alveo sobre que se arrastão; como a pressão atmospherica subjuga os arquejos do oceano ao rebentar a tempestade das nuvens; como o sol, erguendo-se esplendido, illumina em sua refracção prismatica de roseos e aureos reflexos o marmoreo pallor dos tumulos!... Assim os albores da aurora do dia 25 de Março, que doiravão o rubro telhado da habitação do velho Juca Antonio, deixavão na penumbra crepuscular, que projectava a sombra ainda horisontalmente do embastido pomar, occultas as lagrimas, que se desfiavão dos olhos de um anjo, que assomava ao peitoril de uma janella recém aberta.

Nhara, como se quizesse receber no berço o dia, cuja luz pela ultima vez doiraria os seus cabellos engrinaldados com a capella de flor de lorangeira, Nhara, a noiva, chorava as ultimas lagrimas da virgem, que se confundião em pureza com as bagas de orvalho, que resvalavão do folhedo, pagando o tributo do amor filial.

Era divino aquelle rosto angelico, que apparecia rorejado de pranto e tinto da pallidez das vigílias, que, como a flor das onze horas, ia passando em subtis gradações da pulehira branqueira do jasmim ao tom levemente acarminado da rosa, como se o influxo magnetico da aurora, reanimando-lhe os espiritos desfallecidos pelas insomnias de longas noutes veladas junto a cabeceira da inditosa dona Marueas, resumbrasse-lhe na ideal belleza os brilhos lympidos e candidos de sua alma.

E' que o sol que se abria pela manhã acalentando os anhelos da virgem, fechar-se-ia a tarde com os votos da desposada.

Um tumultuar vago de anceios indefinidos sobpesava sobre aquella fronte celica, que se apoiava sobre a mãosinha branca, quando de um impeto, acompanhando o movimento de um grito, desappareceo da janella turgida de medo.

Um vulto veloz como a jaguatirica, resvalara de traz das cercas do curral ao matto, ao mesmo tempo que de uma frecha, que se embebera no pontalete do oitão da casa, oscillante, desprendia-se uma chuva de flores silvestres.

Ao grito de Nhara succedeo immediatamente a detonação de um tiro, e um novo grito seu. Voltando a si do terror que a dominava, reconhecendo n'aquelle vulto suspeito o fiel e dedicado indio Joaquim, tremia á lembrança de que esse tiro fôra dado sobre elle, inculpando-se de ter sido a origem de tamanha desgraça.

Vencendo porem o terror por um d'esses actos de mascula energia, impossiveis de admittir n'essas timidias e frageis creaturas, Nhara assomou de novo á janella, bradando :

— Quim?... Quim?... Soccorro... acudão... matarão o Quim!...

— Não, Nhara, disse-lhe Nico, contornando o angulo do cupiar, e aproximando-se-lhe, fui eu que atfiei, não sobre elle, mas para o ar. Saudei-o com o tiro da alvorada em agradecimento ás flores, que elle fez chover sobre ti.

E tomando as mãosinhas tremulas da linda serrana, beijou-as na effusão de todo o amor e ternura.

— Oh! obrigada, primo Nico. Que peso que me tirou do coração. Se eu tivesse visto o primo atirar não me assustaria, porque eu bem sei que não era capaz de matar o Quim.

— Por certo que não : bastava eu saber quanto tu o queres.

— Mas se elle é tão bom, o pobre... Vancê como passou a noute, e o tio Juca?

— Nhô pae, passou bem. Eu é que, p'ra te dizer a verdade, prima Nhara, não passei lá muito bem. Não dormi... e isso seria bom se eu só podesse pensar em ti, mas é que tambem me lembrava de tanta cousa ruim.... Olhe, Nharinha, eu vou lhe pedir uma cousa : me faz?

— Pois antão-se o primo duvida... ou precisa pedir?... não tem o direito de mandar, respondeo-lhe a moça enrubescida.

— O que eu lhe quero pedir, Nharinha, é que não faça mais o que hoje fez : chegando á janella quando ainda não era dia claro, e logo n'esta que bota para a banda do capão.

— Mas o que tem isso?

— Ando scismando, prima Amelia, que algum maléficio nos está p'ra acontecer... me parece que tudo está no ar, que todos andão desconfiados, s'escondendo, cuchichando... a prima bem sabe, que quem tem junto a si esta corja de caborteiros de escravos e aggregados não pôde ter verdadeiro socego, e deve viver prevenido. Negro e bugre, é o mesmo que dizer veneno e fogo.

— Antão-se o Quim e o Matheos, o fiel do padrinho, tambem ?  
— O teu Quim é noves fóra d'esta conta, aquillo é melhor que dinheiro ; mas o tal mandingueiro do Matheos, se não fosse elle ser o ai Jesus do nhô pai, eu já o tinha grudado n'um pinheiro e tirado a laço a craca dos dois. Eu tenho uma gana d'aquelle dianho, que se lhe ponho a mão...

— Mas não faça isso, primo Nico, eu lhe peço, pramode não magoar o padrinho... e depois o coitado do pae velho, que mal pôde fazer ?

— Oh ! oh ! meus pombinhos, até que os apanhei arrulando no orvalho, disse-lhes o velho Juca, sorprendendo os com as mãos entrelaçadas.

Nico corou até a ponta dos cabellos, Nhara pore, rubra de pejo, fugio arrebatadamente.

O velho, carregou o sobrolho, e em tom acrimonioso chamou-a :

— Olá, sêa afillhada, pois antão-se vancê se esconde ? pramode que ?

— Nhor não, meu padrinho, eu ia...

— Não minta, Nhara, que isso seria muito feio, e sem precisão. O estar conversando a sós com o Nico, seria máo, se vocês não estivessem p'ra se casar, e antão-se eu ralharia; mas o causo é outro, e não devia fugir, porque só foge e esconde quem estava praticando uma acção indigna. Fez mal em se ter escondido e em estar ahi com uma carinha de condemnada... ande, tome a mão do Nico, fique como estava.

— Sua benção, meu padrinho, titubeou a moça esforçando-se por desviar o assumpto.

— Deos a cubra com o seu divino manto, abençoou-a o patriarcha do capão ralo, em sacerdotal attitude, e segurando-lhe a dextra, após pausa bastante a não deixar duvidas de ligação entre o sagrado da benção do padrinho e o profano gracejo da amizade, ajuntou sorrindo :

— É agora não tem vergonha de me beijar a mão ?

— Vergonha de que ?...

— De beijar a mão de um homem a vista de outro.

— Ora o padrinho é um velho...

— Sim, bregeira ! com que antão-se um velho não é um home ? e sendo velho pôde-se...

— Ora não se pôde nada. O padrinho é que está hoje ralhador de mais...

— Sim, bem que os entendo... demais, hein ? demais estou eu aqui...

— Isso não — interromperão ambos.

— A mana Marucas passou melhor : já sei que dormio bem.

— Graças a Nossa Senhora da Conceição não soffreo, dormio quasi toda a noute, quiôta como uma criancinha. O passeio fez-lhe muito bem.

— Mas foi muito puchade, convem não ir tão depressa. N'estas cousas

é como diz o rifão: — de vagar se vai ao longe. Aposto que vancê não ha de querer vir hoje ao curral apoiar a Carruira.

— Porque, padrinho ?

— Ora, porque cada um tem o seu dia, e o melhor dia de uma moça é aquelle em que se casa. Ha de ser pouco o tempo para te apromptares, e demais eu quero ver-te linda como nenhuma outra. Como não heide eu ficar inchado, quando ouvir dizerem: — que guapa e fachuda está a sobrinha do velho Juca, que linda que é a noiva do Nico, nhâ Amelia é a mais bonita da roda ! Hê pueha, que gostos não terá cá por dentro o beriba velho.

— Não querem vê não, o padrinho como está hoje caçador.

— Anja lá minha tagarella, vai te apromptar, porque se não me enganar aquillo que lá vejo no atalho, assim a modo de cargueiro que vem da roça ou do herval, ha de ser o carcamanho do vigario. Não será, Nico ?

— Nhor, sim, o vigario vem no rabicano marchador.

— N'este causo, já não é mais p'ra a mangueira que devo ir, é p'ra a cosinha atçar fogo ao soquete ; eu ainda não vi padre com fastio.

Apoz largo tempo de mutua contemplação e mudo enlevo, em que o labio não precisava mover-se para emittir sentimentos, Nico, tomando a mão da prima, e cobrindo-a de beijos, inquirio-lhe :

— Porque está triste assim, prima Amelia ?

— Eu, triste?... e as lagrimas rebentarão-lhe em borbotões, embarcando-lhe a voz.

— Sim triste, muito triste... chorando... é capaz de negar tambem essas lagrimas que derrama.

— Não, primo, não é de tristeza que eu choro. Ainda que me lembre o estado da mamãe, eu não choro porque esteja triste... a felicidade tambem faz chorar a gente... e eu mesmo não sei se estou chorando ou sorrindo. Olhe, escute, disse-lhe, levando-lhe a mão ao seio, veja como bate violento o coração, até parece doer... e no entanto eu nunca fui tão feliz como agora, nunca ! Oh ! eu o amo muito, primo Nico.

Continúa.

DAYMÀ.



# INCONVENIENCIAS SOCIAES

AO AMIGÓ — AURELIO DE BITTENCOURT

## I

A leitura de romances exerce geralmente uma influencia perigosa em certas organisações nervosas.

Quantas fronte's de quinze primaveras pendem suarentas após a leitura do *Moço loiro* e quantos labios immaculados beijão sedentos o retrato de *Telemaco*...

Idéaes, méros idéaes! — porém que arrastão imaginações ardentes ao abysmo insondavel de paixões imaginarias, emoções ignotas que deleitão, suavisaõ, anniquilão e matão!....

Eis porque geralmente as moças que vivem para os bailes, espectaculos e nóvenas são pallidas e débeis... Talvez me engane, bem póde ser a influencia aphrodisiaca do nossô clima ardente; mas como não estudei medicina e mesmo sou inimigo pronunciado das hypotheses, passo a esponja sobre estas futeis duvidas, que não vem ao caso, ó quero crer que os romances são os unicós responsaveis do esphacelamento physico e moral das creaturas instinctivamente tristes e scismadoras...

Quando o botão de rosa de uma existencia de moça entreabre as quinze pétalas dos annos ao sol fagulhante dos devaneíos, o perfume subtil de suas scismas vagas e indefiniveis esvoaça pelo ambiente rórido das phantasias, como as brisas crepusculares frizando o dorso selinoso de um lago crystallino, — a surdina cólea vibrada no capinzal ainda gottejante de sereno... — as tibias oscillações de uma estrella solitaria...

E como são lindas as phantasias de uma menina-moça !...

E' n'essa phase olente e luminosa que seu coração — adormecido aos carinhos maternos — abre-se ás emoções ; acorda aos sons de uma harmonia — que *ella* só escuta... aos raios de um astro — que *ella* só vê brilhar... esses mesmos raios languorosos que, transpondo as janellas abertas de sua alcova sombria e perfumosa, penetram em seu leito morbido...

E a criança nervosa estremece...

Sente que tem no peito um coração que palpita... suas palpebras oscillantes cerram-se languidas aos reflexos pallentes da alampada que deamaia... estremece novamente... senta-se no leito... fecha o romance (*Luciola* ou a *Dama das Camélias*, P. de Kock ou X. de Montepin, o *Amante da lua* ou *Os dramas do adulterio*... — talvez *l'Homme-Femme*...) que tem á cabeceira, mas — aquellas folhas alvinitentes queimão-lhe os dedos !... Quer acordar a irmãsinha adormecida — e sente remorsos de interromper o somno socegado do anjo ; ensaia um sorriso — mas tem as pupillas humidas de lagrymas...

E os passarinhos já abandonão os ninhos desferindo harmonias, as sombras voão ao occidente — como um bando de aves negras, as estrellas desmaião no infinito azul-ferrete, como as ondas que se desmanchão no areal argentado pela lua... — o dia vai raiar !

Amanhece finalmente e *ella*, a insonte empallecida, vigiou toda a noite ; levanta-se mais desfigurada do que na vespera ; a insomnia estampa-se no esverdeado de suas olheiras... maldiz o espelho que mostra-lhe os effeitos d'essa leitura deleitosa ; córa ao oscular a mão de sua mãe, esquiva-se aos olhares sanctos de seu pai... Senta-se á mesa do almoço mas nem se atreve a tocar no que vê diante de si, sorve um gólle de chá, e... — sente palpitações fortes e desconhecidas... seus pais instão asim de que tome algum alimento, *ella* córa e, sem responder-lhes, foge da mesa para a janella, mas... — mas ainda não preparou o cabelo e sente preguiça em preparal-o ; abre o piano, seus dedos estão gelados como as teclas ! demais, os sons que d'ahi desprende ferem-lhe os ouvidos...

Volta então chorando para o seu leito confidente... — ahi está o romance fechado, abre-o, contempla embevecida a gravura do heróe sem bigodes, mas de *pince-nez* ; continúa a leitura, que vai até á noite — e assim succedem-se os dias e as semanas.

## II

Quantas meninas castas, intelligentes e modestas, que virião a ser carinhosas esposas, excellentes mãis de familia, perdem-se, em procura

de um idéal, ou nas ténèbras d'além-tumulo ou no abysmo dos lupanares !....

Lembro-me agora de duas pobres moças, cujas historias tristes e singelas justificação estas ligeiras linhas :

## EVANGELINA E LUIZA

Duas crianças lindas como as flores — e como as flores ephemerás na vida.

A primeira, morreu com quinze annos e quinze namorados ; eu foi um d'elles... — que tem que diga a verdade ?...

Amei-a tanto como nem sonhas que se possa amar !... á luz fagulhante de seus olhos negros e travessos vibrei as primeiras harmonias do alaúde de minh'alma de adolescente.

Ella era bella, morena e sertaneja : — o meu idéal de poeta.

Os poucos dias felizes de minha existencia forão deslizados ao seu lado.

Viviamos no ermo, bem longe dos homens, á beira d'um lago, no declive de uma montanha....

De manhã — corriamos pelas campinas atraz das borbuletas, e, quando fatigados dos brincos infantis, descansavamos á beira da praia.

De tarde — colhiamos as flores da montanha ; contemplavamos embevecidos o sol que declinava e aos lampejos oscillantes do crepusculo ajoelhavamos no terreiro da capellinha com as mãos para o céo e o pensamento em Deus !....

Oh ! quantas vezes, quando o passaro selvagem de minha imaginação aninha-se na folhagem d'esse passado esvaecido, eu tenho murmurado como o mimoso poeta das *Primaveras* :

« Oh ! que saudades que eu tenho  
D'aurora da minha vida !  
Da minha infancia querida  
Que os annos não trazem ma's.  
Que amor ! que sonhos ! que vida  
N'aquellas tardes fagueiras,  
A' sombra das bananeiras  
Debaixo dos laranjaes ! »

Mas... a felicidade é uma miragem : — méro effeito de luz que se dissipa ligeiro ; semelhante a essas bolhas de sabão com que as crianças brineão, o riso no labio da creatura — é a espuma que fluctua na superficie das aguas....

A felicidade — é a flor, que mal desabrocha — inclina-se na haste... tem a duração de um meteóro — fulge e desaparece....

Assim bem cedo tive de abandonar os singelos *pagos* que me virão nascer, e parti para o Rio de Janeiro a fim de estudar preparatórios.

Imagina com que dôr íntima eu dizia adeus aos carinhos do lar, encantos da primeira amante, valles em que brincava, campinas em que corria com *ella*... á montanha que subíamos cantando ao fim da tarde, á capellinha em que ambos fomos baptisados.

Evangelina então amava-me e chorou muito ao abraçar-me na hora da partida ; guardando no seio estes versos que escrevi momentos antes de embarcar e que mais tarde veio ainda a beijar — na occasião de morrer...

Eil-os :

E' destino, morena, é destino !  
Quando a vida começa a sorrir-me  
A desgraça se apressa em ferir-me  
Separando meus dias dos teus !  
Mas si a sorte me obriga a deixar-te,  
Si de ti vou viver tão distante,  
Não te esqueças do pallido amante  
Que chorando murmura-te — Adeus !

Esses dias — de amor e venturas,  
Essas tardes -- de scisma e desejos,  
Essas noites -- de sonhos e beijos  
Que tão breves eomtigo passei,  
Si voarão p'ra sempre, criança !  
Si jamais poderei deslisa-los,  
Ai ! -- ao menos me é grato lembral-os  
Já que n'elles ventura encontrei !...

Ai ! adeus ! se aproxima o momento...  
E' forçoso partir e deixar-te...  
Mas ai ! sempre, hei de sempre lembrar-te,  
Doce amante do meu coração !  
... Quando as vagas baterem no casco  
Do vapor que levar-me ao desterro...  
E a nevoa -- estender-se no serro,  
E a estrella -- brilhar n'ampidão ;

Eu, sósinho no eseuo beliche,  
Com a frente na dextra apoiada,  
Chorarei a ventura passada,  
Que sem dô abandona-me assim !...  
— Si a lembrança de extinetas delicias,  
De delicias nos enche o presente,  
— Hei de sempre trazer-te na mente,  
Não te esqueças, morena, de mim !

Ai! agora... é chegado o momento  
De dizer-te o adeus da partida! ..  
Dá-me um beijo -- que eu deixo-te a vida  
Nos teus braços, ó filha de Deus!  
E si tudo p'ra nós está findo...  
Si não posso viver mais contigo,  
Sonha ao menos, ai! sonha commigo  
Que chorando murmuro-te -- Adeus!

.....

Trez mezes depois soube que, fallecendo a velha mãe de Evangelina, esta viera para Porto Alegre viver em companhia de seu padrinho, o Sr. Fulano de Tal, rico e creio que até commendador... emfim — um dos mais bellos ornamentos da nossa *primeira sociedade*.

Desde então a modesta e ingenua sertaneja começou a ler romances e a frequentar bailes; arrastar sedas e a envolver seus negros e selinosos cabellos crespos n'esses coques monstruosos — tão apropriados ao equilibrio das cabeças leves.

Decorrido um anno vim passar as ferias em companhia de minha familia, mas vendo Evangelina, desconheci-a...

E' que eu esperando abraçar a companheira de infancia, que sempre tinha uma flor — para a trança e um sorriso — para mim, apertava a mão enluvada de uma moça pallida e enlanguescida...

Evangelina — era outra!

A roccira ingenua e sempre alegre vivia apenas na minh'alma; no livro do passado que a minha imaginação ainda hoje folhêa com saudades!...

A pallidez das faces da jovem que eu tinha aos meus olhos — entristeceu-me.

O brilho lascivo de seus olhares languidos — fascinou-me, despertou alguma cousa de luxuria aos meus olhares castos ainda...

Quiz duvidar que ella fosse Evangelina, mas... a perfeição de suas fórmas era a mesma, a harmonia de sua voz ainda echoava na minh'alma!...

Foi em casa de seu padrinho; Evangelina estava reclinada á sacada tendo n'uma das mãos uma brochura e acariciando com a outra um cãosinho branco...

Quando nossos olhos se encontráram, Evangelina recuou empallidecendo; aquella commoção não me surprehendia, ao contrario; não são somente as agonias que originão prantos, a verdadeira alegria tambem tem o seu cortejo de lagrymas...

Mal transpuz o reposteiro aquella mãosinha quasi invisivel abandonava o livro sobre o divan procurando as minhas; mas... o que então se passou ainda me parece um sonho...

Sentamo-nos, conversámos talvez meia hora e cada vez eu me sentia mais surprehendido... a transformação physica e moral de Evan-

gelina, aquelles olhares lubricos, os sorrisos estudados e os gestos contrafeitos, tudo enfim, deixava-me n'essa duvida cruel, n'essa prostração das energias do espirito que sentimos aniquilar-nos — ao acordar em meio d'um pezadello...

Evangelina não mostrou recordar-se do nosso passado e nem tão pouco perguntou-me por meus estudos.

Fallou-me com uma alegria falsa das partidas da *Soirée*; mostrou enthusiasmo pelas *Mulheres de Marmore*; pediu-me para ler-lhe uma pagina de Schakspeare, suspirou ao pronunciar o nome de *Romeu*... e deu-me a perceber desejos de ir ao Rio de Janeiro para frequentar o *Cassino*, passear ao *Jardim botanico*, sei-mar no *Passeio publico* e... tomar ares na *Tijuca*.

Continúa.

MUCIO TEIXEIRA.

# A VELHA QUITERIA

ROMANCE

---

## I

D. Quitéria do Santissimo Sacramento era uma excellente creatura, que conheci em 1863. Teria trinta e tantos annos; era solteirona, fallava dia e noite e sempre magra como uma barbatana.

Usava chinó, para encobrir a immensa calva que um maldito typho lhe deixara como lembrança, e não desprezava os oculos de tartaruga senão quando dormia. Tinha um buço um pouco espesso e junto a orelha esquerda um signal preto do tamanho de um grão de milho.

Não perdia missa aos domingos, fogos do Espirito Santo e nem deixava aos sabbados de accender a Nossa Senhora uma vella de quarta.

Creava gallinhas, e comia de vez em quando um franguinho assado sem nunca dispensar um calix do milagroso Porto.

No pensar da Sra. Quitéria o vinho era um dos elementos mais poderosos da vida, e em auxilio d'esta convicção, trazia a longevidade de Noé, como argumento. O sangue é a vida, dizia ella, e é necessario fortificar o para se poder chegar a velhice. Resfriamentos, bronchites, pleuriz e até thysicas no ultimo grão, contava a Sra. Quitéria ter curado com vinho quente e gemmadas de vinho branco.

Muitas vezes ouvi de seus labios amargas injurias contra os alle-mães por haverem introduzido em nossas mezas a cerveja, com exclusão completa do vinho do Porto.

A thysica, a hypertrophia, o rachitismo e mesmo o idiotismo ella attribuia ao uso da cerveja.

Porem... apesar de semelhantes opiniões, D. Quiteria do Sacramento era, uma excellente velha.

Deitava-se ao toque d'Ave-Maria e levantava-se uma hora antes da estrella d'alva vir annunciando o brilhantismo das gallas do alvorecer.

Um seu vi-inho, que passara algumas noites de insomnias, me jurara que a chaminé da D. Quiteria era a primeira a fumeigar em todo o circuito da cidade.

Devo acrescentar ainda, que quando ella se approximava do burralho já tinha degerido vinte e cinco padres nosos e não sei quantas ave-marias.

E o que posso affiançar, é que mal acabava de resar ninguem mais podia dormir.

Aquillo era um Deus nos acuda!...

A escrava apenas ouvia abrir a porta da alcova, já se levantava rapida, como se a corrente de uma bateria de cem elementos lhe tivesse communicado... e até a pobre de Josephina, a sua sobrinha, e filha de criação nunca gosára, com saude, um só dia, o semno languroso da madrugada.

Depois que D.<sup>a</sup> Quiteria reava, começava uma dubadoura, uma bulha infernal. Ia ao gallinheiro, soltava as aves, dava-lhes de comer; queria a casa varrida, a agua fervendo, trastes espanhados, e quando isto não se fazia logo, a visinhança estava condemnada a não dormir mais. Era uma gritaria infernal.

Por diversas vezes a ronda fez abrir a porta suppondo algum conflicto ou desgraça.

A visinhança por mais de uma vez queixara-se á policia do procedimento de D. Quiteria do Sacramento, porem ella, que era proprietaria da casa em que morava, respondia sempre á autoridade: O incomodado é quem se deve mudar. E n'isto ficavão as justas queixas do visindario.

Desde que a tia Josephina herdara a casa onde habitava, as moradias mais proximas perderão de valor 20 ou 30 % pelo menos.

Ninguem teve o prazer de ser visinho da velha Quiteria um mez sequer. A lingua e as madrugadas de trovoadas da velha expulsavão da visinhança os mais pacientes e pachorrentos moradores.

Não se passavão 15 dias que uma ou outra das casas contiguas não estivesse de papel á janella.

Ultimamente, isto é, no anno de 1864, a Sra. do Sacramento só tinha por visinhos: á direita, no sobrado, trez cadetes da escola militar e á esquerda um patrão de lanchão que apesar de familiarisado com os tufões e trovoadas, rara era a vez que pernoitava em casa.

Porem apesar de tudo isto D. Quiteria do Santissimo Sacramento era uma excellente creatura.



Em companhia da velha Quitéria vivia ha muitos annos sua sobrinha Josephina Gonzaga do Sacramento. Era uma boa menina de 15 annos, timida e pura como o pensamento de um anjo.

Orphã bem creança de pai e mãe, Josephina foi recolhida a casa de sua tia, que a extremecia com esse amor que Deus só deu a mulher para engrandecer a e eleval-a acima de tudo.

A menina, sem outros élos que a prendesse a mais ninguem, amava em sua tia, a mãe carinho a arrebatada tão cedo pela morte a doce affeição filial.

Josephina, natureza docil e coração bem formado, obedecia cegamente sua tia, como um automato escravizado por poderoso machinismo, e ouvia suas impertinencias calma e paciente como essas creaturas biblicas que a tradição nos traz aureoladas de luz na glorificação de inconcebíveis soffrimentos.

E para que molestar a velha Quitéria ?

Ella era a sua verdadeira mãe, e quando não fosse devia amal a e respeitá-la não só como a imagem da velhice, mas como a viva encarnação da mais escrupulosa virtude.

Josephina não fazia senão o seu dever ouvindo-a silenciosa, e quando quebrava este proposito era para fazer callar a sua mãe, obrigando-a a isto pelo respeito e docilidade da voz e de seus gestos.

Quantas vezes a palavra ou um sorriso não vence aquillo que a força e o poder das armas não pudera conseguir. Hercules prostra-se como uma criança aos pés de Omphalia e Achylles ajoelha-se e deita a fronte ainda poeirenta dos combates no regaço de Briseis, arrastados ambos pelo enlevo de um sorriso de esperança.

Por isso a menina se tudo conseguia de sua tia era por sua meiguice e cega obediencia.

E infeliz d'ella se pensasse o contrario...

Sem ningnem por si, ou viveria n'uma luta aberta com sua tia, ou então, quando de todo não quizesse mais obedecel-a, abandonaria para sempre o tecto que lhe servira de asylo na infancia e iria mendigar o pão amargo da caridade amassado pela mão da indiferença, quando não fosse n'um momento de desespero queimar as petalas da grinalda branca na lâmpada impura que empallece a fronte da cortezã.

Mas não ! Coração agradecido, ella seria incapaz de cobrir de lodo a mão protectora que a guiou na vereda escabrosa da vida.

Josephina era um anjo de amor e ternura.

III

Era domingo.

D. Quiteria do Sacramento em companhia de sua sobrinha fôra a missa na Matriz.

O vestuario da velha nos actos solemnes, que erão unicamente as festas de igreja, tinha sempre a mesma forma e côr. Vasquina de seda preta, simples, com saia de dois babados largos, uns manguitos; especiaes, feitos por occasião da chegada do imperador depois da Pacificação, e uma chapelinha enfeitada de rendas pretas com meia dúzia de rosas.

Abençoadas flores!

Já 16 primaveras havião presenciado do alto d'aquella cabeça, sem uma só petala ter cabido, e ainda na esperança de igual duração.

Completava o toilette um pente alto e grande, onde a chapelinha se equilibrava, uns oculos de tartaruga, um lenço margeado de silvas e passarinhos, de ponto de marca, e as «Horas Marianas» de capa de velludo, tão desbotado que o mais minucioso exame feito sobre a côr primitiva não colheria o menor resultado.

N'este traje voltou da missa D. Quiteria, acompanhada da menina e do Sr. Bernardo Estevão Pechincha.

— E' preciso perder o costume de jantar ao meio dia, D. Quiteria, disse o Sr. Bernardo olhando para a mesa posta e deixando o chapéu de molas enfiado no bastão a um angulo da varanda.

— Que quer!... E' costume velho da casa... Criei-me assim...

— Mas já ninguém janta a esta hora, D. Quiteria.

— O que tenho eu com os outros? !... Hei de regular o meu estomago pelo dos mais?...

— O estomago é como a caixinha das almas, tanto recebe ao meio dia como as 3...

— Mas é, Sr. Bernardo, uma prova de respeito aos usos de meus pais.

— E por isso sujeita a minha afilhada a este regimen tambem? !...

— Certamente!... em minha casa faz-se o que eu quero e não aquillo que os outros dizem.

— Vem-me sempre a Sra. com isto... Já sei que a casa é sua e que pôde fazer n'ella o que quizer... O que não posso supportar indifferentemente é a Sra. sujeitar a minha afilhada ás suas extravagancias...

— Extravagancia? !... repetio a velha levantando-se da cadeira de balanço com as mãos nos quadris.

— Sim, senhora... Extravagancia e mais que extravagancia!... tornou o Bernardo Pechincha, dando á voz uma inflexão mais forte.

— Não seja insolente!... Toda a vez que o senlør vem á minha casa é para provocar-me sómente...

— A senhora é quem diz isto, não é Fifinha, perguntou elle á menina que entrava na varanda já sem o vestuario da missa.

— Não sei, meu padrinho.

— Anda cá, o que é que tu não sabes?

— Do que estavam tratando.

— Nem precisa saber, juntou a velha com os olhos arregalados e injectados de sangue a fazer medo a um homem, quanto mais a uma menina timida como a sobrinha.

Josephina não respondeu, e com os olhos baixos sentou-se automaticamente ao lado do padrinho.

A coitadinha tinha medo de encaral a e não era para menos.

A Sra. Quiteria em seu estado natural era uma cara feia, uma cara já fóra da moda, quanto mais agora que estava irritada como uma jararaca. Era para qualquer um por mais ousado que fosse recuar de susto e entregar sua alma e destino á elasticidade das pernas.

O Pechincha estava com o rosto afogueado de colera e olhando para a atilhada, emquanto a velha repimpada na cadeira de balanço agitava-se tão furiosamente que o Pechincha só pedia a Deus que a cadeira virasse de pernas para o ar e na queda saltasse um pedaço da lingua da Quiteria.

Tudo agora era silencio, só se ouvia o rumor da cadeira de balanço e o cacarejo das gallinhas na área.

O Bernardo estava furioso e por isso achou mais prudente despedir-se do que ter uma nova altercação, infallivel a ambos todas as vezes que estivessem juntos.

Quando o Bernardo retirava-se um menino batia á porta.

— Se a D. Quiteria.

— O que quer aqui? interrogou a velha, já satisfeita e orgulhosa por haver n'este dia obrigado o Pechincha a fazer uma retirada vergonhosa.

— Eu queria ver a minha pandolga, D. Quiteria...

— Que pandolga, menino?

— A minha... que cahio no seu quintal...

— Não tem pandolga nenhuma aqui...

— Tem, sim senhora!... tem e tem!

— Não tem, seu malcreado... Eu já te componho.

Só se ouviu o tropel do menino no corredor e o baque de uma cadeira que cahio na avançada precipitada da velha.

IV

Ninguém conhece ainda, senão de passagem, o Sr. Bernardo Pechincha, n'aquella altercação em casa da Sra. Sacramento; e para que ninguém faça um triste juizo a seu respeito, vamos ter o trabalho de conduzir o leitor a sua casa para conhecê-lo mais de perto e fazer inteira justiça a um dos caracteres mais nobres e francos que tenho conhecido.

Bernardo Pechincha tinha 10 annos de idade quando deixou Portugal para dedicar-se a vida commercial no Rio de Janeiro, em 1820.

Trabalhador honesto e guiado por uma boa estrella, pôde n'um tirocínio de 20 annos adquirir uma consideravel fortuna, que o collocou em uma das mais invejaveis posições de independencia em nossa sociedade.

Aos 28 annos Bernardo Pechincha contrahira casamento com D. Sophia de Andrade, filha de uma familia importante, mas n'esse tempo reduzida a extrema pobreza pela inconcebivel confiança e imprevidencia de seu chefe.

Bernardo Pechincha entretendo intimas relações de amizade com a familia Andrade, e vendo de um dia para outro o desespero e a pobreza entrarem unidas no regaço d'aquella gente habituada as alegrias e as commodidades da riqueza, resolveo inesperadamente pedir a mão de Sophia para ter mais direitos de proteger a seu velho amigo.

O velho Andrade que ouviu dos proprios labios de seu amigo semelhante pedido, chorou de alegria, porque vio e admirou n'aquelle facto a nobreza de uma alma erradia confundida no meio d'esse oceano de torpezas.

Chorou de alegria não só porque ia realisar-se a sua ultima aspiração no mundo, porem ainda mais por ter encontrado um amigo fiel nos dias de prazer como nas horas de amarguras.

O favo da mandacaia nos sabe mais, quando ainda temos nos labios os travos de fel.

Foi por isso que o velho impressionado ainda com as suas infelicidades chorou de prazer e não maldisse nunca mais a sua sorte.

Passados 3 annos o velho Andrade falleceu nos braços de sua filha e de Bernardo.

Esta morte abalou tanto o coração da moça que seu marido vio-se obrigado, aconselhado pelos medicos, a viajar afim de poder diminuir aquella lembrança triste que de dia em dia lhe ia definhando.

Final resolverão a viver em Porto Alegre, visto o estado de D.

Sophia não apresentar melhora alguma e receiar-se maior gravidade.

Como de facto até hoje, D. Sophia tem vivido constantemente doente e sem esperanças de restabelecer-se dos seus incommodos, apesar de todos os esforços utilizados por seu marido.

A dor de D. Sophia era immensa e irremediavel.

Perde-se uma esposa que se ama até a loucura, perde-se um irmão cujo amor seria capaz até do sacrificio da vida, perde-se um filho que é o nosso sorriso de hoje, o amparo e a providencia de amanhã; mas nenhuma d'essas perdas equivale a separação eterna de um pai.

Póde perder-se a esposa, o irmão e o filho; são faltas sensiveis, mas que podem mais tarde ser reparadas. Só a perda de um pai é irremediavel; quem o perdeu uma vez não o recuperará jámais.

Se não fosse o amor que Sophia consagrava a seu marido, ella teria descido a sepultura pouco depois da morte de seu pai.

Era a unica e poderosa affeição que ainda a prendia ao mundo.

Se Sophia tivesse ao menos um filho sua magoa não seria tão funda; um sorriso, uma caricia de um anjo louro a brincar sobre os joelhos de uma mãe que sofre, allivia, consola e fortalece.

Bernardo Pechincha tinha um immenso pezar: era não ter filhos, e por isso deu todo o amor que tinha guardado no seu coração para elles á menina, que vivia na companhia de D. Quiteria aturando, com paciencia celeste, as suas exquisitices e impertinencias.

Josephina era desde bem criança a alegria da familia Pechincha, que um cem numero de vezes quizerão trazel-a para sua companhia, mas encontrando sempre tenaz opposição da parte de D. Quiteria que era o parente mais proximo da menina e que por forma alguma admitiria ver-se privada da convivencia da sua filha de criação.

A obstinação da velha Quiteria não era um capricho; era movida unicamente pelo muito amor que votava á menina.

E por este motivo justo e santo andava o padrinho da moça prevenido sempre com a velha Quiteria, porem nunca chegarão a ficar de relações rotas, apesar das continuas duvidas e altercações em que vivião ambos.

Um dia em que a velha estava de mais pachorra o Bernardo Pechincha conseguiu d'ella ficar encarregado de vestir a menina.

Por este acordo o padrinho de Josephina deu um grande jantar e offereceu a D. Quiteria um anel de brilhante de bastante preço.

O que sei dizer é que em poucos dias a velha arrependera-se da concordata feita com Pechincha, mas já era tarde. Arrependeu-se e chorou até, mas não teve remedio senão callar-se.

D. Quiteria era muito escrupulosa em questão de compromissos e por isso apesar de viver amofinada, pelo unico facto de Bernardo vestir a Josephina, nunca lhe disse uma só palavra a este respeito porque

seria dar o seu braço a torcer e era este gosto que ella sempre procurou evitar.

Josephina estava realmente bem amparada; era o objecto dos cuidados da velha Quiteria e da familia Pechincha que a idolatravão com todo o amor de que é capaz um coração extremoso.

Até a pobre da D. Sophia se sentia melhor quando tinha junto a si o rosto pallido e bello da menina em cujos labios pairava um eterno sorriso de amor e ternura.

Ah! ditosa orphã, ditosa gente!

Continúa.

MANFREDO

## DADOS HISTORICOS SOBRE A PROVINCIA

---

Caçapava 18 de Outubro de 1839. — Quinto da Independencia e da Republica Rio-Grandense.

Tendo a experiencia provado quanto convem para o bom andamento dos trabalhos das differentes officinas estabelecidas no Arsenal de Guerra, que n'elle exista prefixamente uma companhia de artifices, apropriada o mais que fôr possivel em sua organisação ao systema militar, que mantendo-se na necessaria disciplina e devida subordinação os individuos da mesma, se prestem com mais regularidade e proveito aos importantes trabalhos a que são destinados, como se faz mister nas actuaes circumstancias : e não sendo possivel pelo systema até agora seguido o occorrer-se ás precisões do exercito com a devida presteza, não só por falta d'essa providencia, como por outros inconvenientes que tem entorpecido o progresso das ditas officinas : o Presidente da Republica para remover inconvenientes taes ; ha por bem decretar que, de todos os operarios actualmente empregados nas officinas do Arsenal tanto paizanos como os que tem praça nos differentes corpos do exercito, se forme a dita companhia prefixa do predicto Arsenal de guerra, que será organisaada na conformidade do plano que com este baixa assignado por Domingos José de Almeida, ministro e secretario d'Estado dos Negocios da Fazenda, encarregado do expediente da Guerra ; ficando as ditas praças desligadas dos corpos a que pertencião, o que o general commandante em chefe do exercito assim mandará executar em Ordem do Dia, a vista d'este, que se lhe remetterá por copia, e da relação nominal de taes praças, que o tenente-coronel commandante da guarnição da capital lhe deverá remetter para esse fim.

O vice-director do Arsenal de Guerra será o commandante nato da

precitada companhia : sendo porem subordinado ao director como chefe da repartição. O 1° tenente, 2° commandante tem a inspecção geral sobre todas as officinas, acerca do arranjo, direcção e economia d'ellas. O 2° tenente ajudante poderá ser o mestre de qualquer officina, e ainda de mais de uma, se seus conhecimentos para isso o tornarem apto.

Os officiaes que forem promovidos para esta companhia que deverão ser propostos pelo commandante com approvação e informação do director ao governo, vencerão os mesmos soldos, gratificações, e rações marcadas na tabella do 1° de Outubro de 1838 para os demais officiaes de caçadores do exercito.

Os officiaes inferiores, corneta, soldados, artifices, e serventes vencerão os soldos marcados na referida tabella, e de gratificação quanto com elles se preencha os salarios seguintes : 1ª classe, aos mestres 1:280 rs. diarios, aos contramestres 800 rs., aos artífices 500 rs., e aos serventes 160 rs. ; 2ª classe, aos mestres 1:000 rs., aos contramestres 700 rs., aos artífices 400 rs., e aos serventes 160 rs. ; 3ª classe, aos mestres 800 rs., aos contramestres 600 rs., aos artífices 300 rs., e aos serventes 160 rs.

O armamento, uniforme, e exercicio d'esta companhia será em tudo igual ao armamento e uniforme dos batalhões de caçadores do exercito, assim de reunir-se a qualquer d'elles quando as circumstancias o exigirem.

Todos os officiaes inferiores, anspeçadas e soldados d'esta companhia devem ser officiaes dos diferentes officios especificados no regulamento ; mas as classes ficão provisoriamente reduzidas ao numero de trez, organisadas pela maneira seguinte : 1ª classe, carpinteiros de construcções de reparos e maquinas, ditos de obras brancas, ferreiros, serralheiros, espingardeiros, pedreiros, ourives, e instrumentistas ; 2ª classe, corrieiros, funileiros, latoeiros, torneiros, e tanoeiros ; 3ª classe, alfaiates, sapateiros, lombilheiros, e todos os officios de que mais trata o regulamento citado : regulando-se o numero que deva ser empregado em cada uma das respectivas officinas, segundo as circumstancias, e exigencias que houverem.

Os mestres e contramestres das preditas officinas serão nomeados depois da organisação da companhia, dos inferiores e anspeçadas para isso aptos, a excepção do furriel, que será o vago mestre da companhia, bem como o 1° sargento, que em nada mais se deve occupar alem do serviço da mesma. Quando do numero dos cabos e anspeçadas se não possão tirar os mestres e contramestres precisos para as classes de que se faz menção, poderão ser nomeados os soldados para isso aptos ; e por cujo motivo o commandante na organisação da companhia deverá preencher-a do numero de inferiores, cabos, e anspeçadas marcados no plano, fazendo a devida escolha dos operarios, quer paizanos, quer militares, que mais capacidade, prestimo e conhecimentos tiverem dos diferentes officios para exercerem os postos, e os



lugares de mestres e de contramestres para que são destinados, com os vencimentos e gratificações que agora lhe são marcados.

De entre os preditos officiaes inferiores; serão também nomeados um ou dous dos mais habéis para exercerem as funcções de fieis dos armazens do almoxarifado e viveres; e bem assim dos soldados artifices que menos falta fizerem nas officinas, serão nomeados os que tiverem capacidade para guardas dos mesmos armazens; poupando-se por este meio a despeza que até agora se tem feito com taes empregados, que serão demittidos logo que organizada seja a mencionada companhia, salvo aquelles que se sugitarem a assentarem praça n'ella para continuarem nos mesmos empregos, pelo novo systema, e vencimentos marcados no plano de sua organização.

Os soldados serventes são destinados não só ao serviço da limpeza, e arrumação dos armazens, officinas, e mais accommodações do Arsenal quando for necessario, como aos trabalhos das fabricas de carvão, do laboratorio do cartuxame, fundição de ballas, manipulação de sabão, distribuição da carne de municio, carneação e pastoreo do gado para elle destinado; devendo tudo ser feito sob a direcção dos inferiores que por escala forem nomeados.

Ficão derogadas todas as leis e ordens em contrario, assim como o decreto de 7 de Maio de 1838 na parte que marcou os salarios, e jornaes aos fieis, guardas dos armazens, mestres, contramestres, officiaes e serventes das differentes officinas do supracitado Arsenal de Guerra; que fica sem effeito n'esta parte sómente.

Domingos José de Almeida, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Fazenda, encarregado do expediente da guerra o tenha assim entendido, e faça executar com os despachos necessarios.

*Bento Gonçalves da Silva.*

*Domingos José de Almeida.*

Cumpra-se, registre-se, imprima-se e publique-se.

Era ut supra.

*Almeida.*

Foi publicado n'esta secretaria d'Estado, e registado no livro competente.

No impedimento do official-maior o capitão do estado-maior,

empregado na Secretaria da Guerra, *Vicente Ferreira de Almeida*.

---

PLANO DE ORGANIZAÇÃO DA COMPANHIA DE ARTIFICES DO ARSENAL DE GUERRA  
MANDADO EXECUTAR POR DECRETO DESTA DATA.

1º Comandante, o vice-director do arsenal de guerra . . . . .	1
1º Tenente, 2º commandante . . . . .	1
2º Tenente ajudante . . . . .	1
1º Sargento . . . . .	1
2º Dito . . . . .	1
Furriel vago-mestre . . . . .	1
Cabos de esquadra . . . . .	4
Corneta . . . . .	1
1ºs Artífices . . . . .	25
2ºs Ditos. . . . .	25
3ºs Ditos. . . . .	25
Serventes . . . . .	20
	<hr/>
	110

O numero dos soldados serventes póde ser augmentado conforme as precisões dos trabalhos das fabricas e laboratorios.

Secretaria da Fazenda, encarregada do expediente da Guerra, em  
Caçapava 18 de Outubro de 1839.

*Domingos José de Almeida.*

---

## CORRESPONDENCIA OFFICIAL.

AO EXM. CIDADÃO DOMINGOS JOSÉ DE ALMEIDA

Cidade Juliana da Laguna 1º de Outubro de 1839.

Conservo as posições até Maisambú, e se não fosse um terreno montanhoso, e desfavoravel á segurança d'este ponto, com toda a facilidade nossas armas terião avançado. Certo de que as communições officiaes são logo enviadas a V. Ex.º me dispenso do trabalho de relatar os pequenos acontecimentos que hão occorrido. A auzencia de nossa patria nos trouxe mais vivas recordações do primeiro dia da Nação Rio Grandense, — o vinte de Setembro — as circumstancias do tempo e do lugar privarão que os desejos que nos elevavão a solemnizar dignamente o anniversario do dia nacional, fossem completos; mas o enthusiasmo de que participarão os cidadãos catharinenses, superou os obstaculos.

A 19 um numerozo e decente bando de mascarados annunciou os festejos destinados; á noite expontaneamente se illuminarão as ruas da cidade, ao mesmo passo os fogos artificiaes não cessavão de romper o ar. A artilheria da fortaleza da barra, e dos vasos de guerra annunciarão a aurora do dia 20; e as 9 horas da manhã na praça da Igreja se formou a guarda nacional, o contingente de caçadores de linha e da artilheria, enquanto passavão os membros do governo da Republica, seguidos de luzido acompanhamento, e se dirigião ao templo sagrado a assistirem as ceremonias religiosas. Ali um vivo e geral contentamento se diffundia em todos os concorrentes; concluido e te acto forão os membros do governo, acompanhado do mesmo modo até a casa da residencia do Exm. Presidente. A noite seguiu-se o grande baile, que o bello sexo tornou digno do dia a que era destinado. No dia 21 mais numerozo e brilhante ajuntamento teve lugar na frente de meu quartel, aonde foi attrahido pela elevação do balão aerotatico. O baile foi repetido com as mesmas vezes e ceremonias de grandeza.

Concluimos assim o anniversario do immortal 29 de Setembro. A uma hora da manhã do dia 12 de Setembro a guarnição da fortaleza do Sul se declarou em favor da causa republicana, principiando por matar o 2º commandante, e prigionar o 1º, sorte, que este agradece a escuridão: pois lhe estava destinada a que tocou ao 2º. Ficarão em nosso poder 48 praças, 28 são da artilheria, 50 armas de infantaria com todos os seus pertences, 126 velas mixtas, muita espoleta, porção de metralha, uma bandeira imperial, 3,000 ballas de canhão, 22 arrobas de

polvora, 3,000 cartuchos de fuzil. Generos que se tirarão da fortaleza, pois não convinha sustental-a.

Sou com estima e veneração de V. Ex. amigo e respeitador

*David Cunabarro.*

## PARTES OFFICIAES.

Exm. Sr. — Extasiado de prazer levei ao conhecimento de S. Ex. o Sr. Presidente o interessante officio de V. Ex. de 19 do corrente, todas as pezas á elle annexas concernentes aos gloriosos feitos da Divisão Libertadora na villa da Laguna, e copia da proclamação, que por tão plausivel motivo inderessara V. Ex. aos nossos concidadãos.

Possuido pois, da mais viva salisfação, eu me congratulo com V. Ex., e lhe retribuo sinceros parabens pelas transcendentés vantagens, que esses brilhantes feitos assegurão á nossa querida patria, já felizmente desassombrada da politica vacillante de nossos visinhos, e da dependencia, a que nos forçava a falta de um porto franco aos nossos corsarios e commercio.

Deus guarde a V. Ex.

Exm. Sr. Domingos José de Almeida.

Secretaria da guerra em Alegrete, 26 de Agosto de 1839.

*José Mariano de Mattos.*

Passo ás mãos de V. Ex. a proclamação que, em consequencia dos brilhantes feitos de nossas armas na villa da Laguna, dirige S. Ex. o Sr. Presidente aos nossos irmãos catharinenses; atim de que se sirva V. Ex. não só dar-lhe publicidade no nosso jornal, como mandar extrahir o maior numero de exemplares impressos, que seja possível, e remettel-os, com o adjunto officio ao general em chefe.

Igualmente envio a V. Ex. a copia do decreto approvando a pro-

posta do corpo de guardas nacionaes do municipio de Caçapava, para ser inserto no mesmo jornal com a propôsta a que se refere.

Deus guarde a V. Ex.

Secretaria da Guerra, Marinha e Exterior em Alegrete, 26 de Agosto de 1839.

Exm. Sr. Domingos José de Almeida.

*José Mariano de Mattos.*

O PRESIDENTE DA REPUBLICA RIO-GRANDENSE A SEUS IRMÃOS CATHARINENSES

## PROCLAMAÇÃO

Briosos Catharinenses :

O brado de alarma, que vos arrancara á prepotencia e tyrannia do Proconsul lusitano, adrede entre vós lançado pelo perfido e iniquo governo imperial para vos opprimir e envilecer, foi ouvido de vossos irmãos rio-grandenses !

Conjuraste-os em nome da liberdade a soccorrer-vos, e, á braços com seus tyrannos, descuidarão sua propria conservação, e voarão em vosso soccorro !

A Divisão Rio-Grandense, que hoje pisa o vosso territorio, não vai possuida do espirito de conquista e dominação : sentimentos mais nobres, mais dignos de nós e do seculo XIX, dirigem seus passos ; libertar-vos : eis seu unico fim, a gloria de o conseguir ; toda sua ambição. Confiai pois n'ella, e em seu digno chefe.

Catharinenses ! Os cimentos do edificio de vossa emancipação e liberdade forão lançados na heroica villa da Laguna no immortal 22 de Julho. Acabar a grande obra é um dever sagrado, a que não podeis jamais faltar, sem attrahirdes sobre vós, e vossos descendentes, a indignação e desprezo, de todos os homens livres do universo, que vos contemplão !

Eia, pois, Catharinenses ! Correi a tão heroica empreza : trabalhai sempre unidos, sêde sempre justos, tolerantes e generosos ; e vossa obra se elevará solida, magestosa e brilhante !

Que vos falta, Catharinenses?! O Deus, que nos deu a vida, deunos ao mesmo tempo a liberdade. A tyrannia póde destruil-as, mas jamais conseguirá desunil-as.

Eis aqui, ó briosos Catharinenses, a immutavel resolução dos Rio-Grandenses! Adoptai-a; e vossa patria occupará na lista das nações livres e soberanas o lugar que lhe compete; e nossos tyrannos serão um dia forçados a repetir commoço — Viva a Nação Catharinense! — Viva a liberdade Americana! Vivão todos os homeas livres do universo!

Residencia Presidencial na villa de Alegrete aos 28 de Agosto de 1839.

*Bento Gonçalves da Silva.*

*José Mariano de Mattos.*

Está conforme — O official-maior

*Antonio Candido de Campos.*

---

## PROCLAMAÇÃO

Rio Grandenses e Brasileiros!

Atravéz da pesquisa inquisitorial que vos circunda, brilhe por um momento a verdade em torno de vós e seus fulgentes raios dissipem as falsidades que tem offuscado vossa razão. Se o revéz dos Patriotas Bahianos retardou por algum tempo o progresso da democracia no Brazil; se aquelle forneceu duplo incentivo a nossos communs tyrannos para immolarem novas victimas; hoje desaparecerão como o fumo suas mesquinhas esperanças: sim, todo o continente de Santa Catharina já forma parte integrante da Republica Rio-Grandense: aquelle povo brioso reassumindo seus direitos soberanos se ha ligado pelo estreito laço federal aos Rio-Grandenses, e mui prompto o pendão da liberdade brilhará glorioso nas amêas da cidade do Desterro. Quatro vasos Rio-Grandenses sulcão as aguas do vasto Oceano, e o Pavilhão da nascente Republica faz abalar o commercio brasileiro na mais remota região. As Republicas vizinhas votão nobres sympathias a independencia do Continente, pela identidade de seus principios. Que resta pois ao Brazil? Como salvar-se? Um só meio se antolha, o reconhecimento da lu-

dependencia Rio-Grandense ; ou melhor, a Federação das Provincias, unica maneira de manter um centro de união no malfadado imperio de Santa Cruz : prescindir d'estes principios, é promover completa ruina a esta bella porção da America.

Brazileiros ! A ferrenha e venal administração, que vos roubou ao seio de vossas familias e interesses, abandonou cobardemente o timão do Estado que sua incapacidade e malvadez estavam prestes a fazer soçobrar ; deixando-vos por legado, o arbitrio, o terror, e a mais terrivel crise financeira a que podieis ser conduzidos, sendo a bancarota nacional seu infallivel desfeixo. Eu lastimo o horrivel futuro que vos aguarda, se tenazes pretendeis batalhar-nos : crêde, os Rio-Grandenses tem jurado perecer nas ruinas do Continente, ou libertal-o da escravidão e ignomia que gravita sobre o Brazil. Oxalá os accentos da verdade fulgurem em vossos corações, e d'est'arte conhecedores de vossa melindrosa posição, busquem o asylo seguro que vos outorga em nome do governo republicano, que mais se ufana em abraçar patriços arrependidos, que humilhar a seu poder contumacis. Eia, pois, Rio-Grandenses e Brasileiros ! Quebrai de um só golpe os ferros que vos opprimem, e contaí com as ternas sympathias de toda a Nação Rio-Grandense, e em particular de vosso compatriota e amigo — *Antonio Netto*. — Quartel-General na villa Setembrina 24 de Julho de 1839. — Está conforme. — *Luiz José Ribeiro Barreto*.

---

## LIBERDADE, IGUALDADE, HUMANIDADE

Catharinenses !

A Laguna está restaurada. Um só combate a arrancou á tyrannia, e as forças da divisão auxiliadora estendem sua linha do Mampituba ao Massambú. Os habitantes da terra firme tem se unido a ella, e a vanguarda marcha sobre a Ilha, e vai occupar a Capital, no entanto que numerosos vasos de guerra tirão ao Imperio o unico meio de communição para com o seu Proconsul.

Catharinenses ! O tempo então chegou de mostrar ao mundo que ainda não tinheis inteiramente renunciado á vossa dignidade, e que ainda tendes direito á fraternidade dos povos livres da terra. Empunhai as armas, e juntando-vos comnosco vindes sellar sem derramamento de sangue a grande obra de vossa regeneração que em 21 do corrente temos principiado.

Catharinenses ! o Imperio vos deu como a nós uma constituição ; mas podia ella fazer nossa felicidade se a dictava e devia executa-la um principe que pouco antes nos dominava colonos ? ● Brazil podia nunca pertencer a seus filhos se o que o possuia em patrimonio improvisava-se imperador ? Póde nunca haver socego onde existem monarchia e republica, dois principios que tendem a destruir-se reciprocamente ? Acabamos então com este amalgama informe de contradições politicas, sacudamos o jugo da Europa, sejamos Americanos. A monarchia nos alliou demais o odio das republicas que nos circundão, e a casa de Bragança com o exemplo do despotismo que lhes deu, prejudicou demais aos interesses do Continente de Colombo. Ella deve abandonar nossas praias — abdicar honra e Corôa que o braço do Povo despedaça. — Viva Deos ! Viva o Povo ! Viva a Republica Catharinense. — *Joaquim Teixeira Nunes*, commandante da vanguarda.

Quartel do Commando da Guarnição em Cacapava, 19 de Agosto de 1839.

*José Alves de Moraes*

Tenente-coronel Commandante.





D<sup>R</sup>. MANOEL PEREIRA DA SILVA UBATUBA.

Lith. de J. Alves Leiro.



## DISCURSO

PRONUNCIADO PELO SR. APELLES PORTO ALEGRE NO FUNERAL DO DR. MANOEL PEREIRA DA SILVA UBATUBA.

---

Ante a data lutuosa que inscreve-se hoje nos fastos da historia nacional, em face da desgraçada catastrophe que acaba de ferir a provincia do Rio Grande do Sul, temo não poder desempenhar a missão patriótica que me trouxe junto ao esquife do illustre morto, temo que minha voz desfalleça quebrada pela emoção e minha palavra suffocada pela dor não interprete n'este momento o doloroso dever, do qual sou orgão junto aos restos mortaes do illustre cidadão, que tão cedo foi roubado aos affectos da familia e da patria.

Se no desempenho d'esse dever minha palavra destoar pelo recinto do templo, agreste como o harpejo de um bandolim sem harmonia, rude como o desespero que fere, selvagem como a dor que mata, se ella, senhores, não poder traduzir em sons o que o coração transborda em sentimentos, se tal acontecer, não condemneis ao orador por não ter attingido á altura da sua missão, porque, senhores, confesso, que se minha intelligencia até hoje foi obscura, ficou ainda mais, com a impressão do acontecimento doloroso que nos reúne n'este momento á beira do tumulo do inditoso cidadão Dr. Manoel Pereira da Silva Ubatuba.

A par das lagrimas do povo rio-grandense que hoje banhão o sudario do illustre finado, a par das fundas agonias, das dores acerbas, de tantos sentimentos despertados por tão infausto acontecimento, que é uma calamidade publica, permiti, senhores, que eu, alliando meus pezares aos vossos, venha em nome da mocidade que venera as glorias da patria render um preito de homenagem sobre o esquife do Dr. Ubatuba, homenagem de respeito que a geração nova que levanta-se tribu-

ta á dedicação e ao patriotismo do nobre apóstolo de uma geração que tomba arrebatada pela voragem da morte.

Se a honra, o talento e o amor do bem é o característico do bom cidadão, ninguém soube sel-o melhor do que o illustre finado, e se esses predicados constituem o verdadeiro merito, impõem sagrados deveres, se a virtude é uma realza incontestavel, mais direitos tinha o Dr. Ubatuba á oração funebre de um Bossuet para louvar essas tantas epopéas reunidas n'um só homem, do que merito tiverão as creações sublimes de tão grande genio, as realzas coroadas das rainhas de Inglaterra e de França.

O Dr. Manoel Pereira da Silva Ubatuba nasceu n'esta cidade a 30 de Novembro de 1822, por uma coincidência singular o anno em que realisou-se a mais bella aspiração de nossa patria, em que forão satisfeitos os votos mais ardentes dos brazileiros, foi o mesmo no qual nasceu o menino, de cujo berço bafejado pelas auras livres de nossa emancipação politica devia mais tarde com o correr do tempo sahir o homem que significa uma das mais bellas glorias industriaes do Brazil.

Quando ebrio de entusiasmo a mocidade palpitou em seu coração de brazileiro, o jovem Ubatuba cheio de amor pela sciencia, deixou a terra natal para ir sentar-se nos bancos academicos da escola de medicina do Rio de Janeiro, onde tomou o grão de doutor no anno de 1845.

Formado, o ardente anhelos do jovem rio-grandense foi de volta á terra de seu berço, onde dedicou uma vida inteira de amor pela causa publica e votou uma abnegação sem limites nas aras sacrosantas do tabernaculo da sciencia e da humanidade.

Haja vista, senhores, os serviços brilhantes prestados ao paiz por esse benemerito cidadão, quer na direcção das enfermarias militares de Jaguarão e Rio Grande, quer prestados ao povo porto-alegrense até o anno de 1858, época em que deixou de residir n'esta cidade onde sempre vio-se rodeado de numerosa clinica, quer exercendo os lugares de presidente da comissão de hygiene publica e inspector da saude publica desde a criação de semelhantes cargos, em cujo desempenho revelou não só os talentos de distincto facultativo, como tambem as qualidades invejaveis de esforçado patriota.

Como homem politico o Dr. Ubatuba militou nas fileiras do partido conservador, onde foi não só alvo do respeito de seus correligionarios e da sympathia de seus adversarios, como tambem foi da confiança do povo de sua provincia que por diversas vezes nos comicios populares delegou-lhe o augusto mandato de sua soberania.

Mas, senhores, os verdadeiros titulos que glorificão a vida do illustre morto pelo Brazil pranteado n'este momento, não são os seus titulos politicos, ainda que bem honrosos sejam elles; mais bellos que os louros do deputado são as glorias de medico humanitario, que soube grangear, sendo tão util ao povo na quadra calamitosa em que a nossa provincia foi flagellada pelo colera-morbus; mais bellos que os louros de deputa-

do são os seus triumphos de chimico sabio, de celebridade scientifica festejada e reconhecida pelos homens de sciencia dos dois mundos; sua maior gloria é a de ter sido um dos mais distinctos sabios de sua patria e de ter encarnado seu vasto saber n'esses productos chimicos que resplendem hoje e hão de sempre resplender como os mais bellos pharões de entre os da industria nacional, como os mais gloriosos de entre os florões da sciencia brasileira.

Senhores, o Dr. Manoel Pereira da Silva Ubatuba pertence hoje á posteridade; e ella diz n'este momento que a raga da vigilia que ensombra a fronte do sabio não vale menos que a cicatriz que brilha na fronte do bravo; e se o heróe da humanidade é aquelle que mais revela amor pelo proximo, mais sublime é Christo, coroado de espinhos no Golgotha, do que Cesar rodeado dos trophéus das victorias das Gallias; mais heróe é o medico que cura do que o soldado que mata.

Cidadão patriota que em vida foste o legitimo orgulho de tua patria, illustre sabio que no tumulo és uma pagina gloriosa da humanidade, repousa em paz nos seios de Deus; e que estas palavras que acabo de pronunciar junto d'este tumulo signifiquem a homenagem de profundo respeito do mais obscuro de teus compatriotas tributada a um dos mais bellos caracteres de sua patria.

Modelo de virtudes — peço a Deus que a lembrança de teu nome seja sempre para mim o pharol que illumine a estrada affanosa da minha mocidade; possa eu um dia ser tão feliz como tu foste; possa o teu jovem concidadão no dia que alar sua alma ás regiões ethereas dormir como tu dormes no seio de Deus; feliz nos braços de nosso pai commum, pranteado pela patria, abençoado pela humanidade; possa eu quando morrer, no baixar ao tumulo, ter como tu tens, grande homem, um nome imperecivel na memoria popular, um monumento eterno de amor — no coração do povo, que é o Pantheon da historia.

---

## DISCURSO

PRONUNCIADO PELO SR. JOSÉ BERNARDINO DOS SANTOS NO FUNERAL DO  
DR. MANOEL PEREIRA DA SILVA UBATUBA.

---

Meus senhores.

Ante o pavidó espectáculo que ora se nos patenteia na eterna mu-  
dez, na algida inercia de um cadaver ; ante o doloroso quadro, que,  
consternados, presenciámos, a primeira idéa que nos assalta e aterra  
não é porventura a idéa da morte, em seu effeito tremendo, mas na-  
tural e inevitavel.

A morte é o resultado de nossa contingencia ; é uma consequencia  
necessaria, um attributo da existencia não só da humanidade, mas de  
todo o creado ; e não raras vezes deixa ella de ser o inexoravel espectro  
dos sepulchros, para sorrir-nos como o anjo do conforto e da paz,  
quando em seu beijo gelido apaga a febre que nos devora em lenta e  
atroz agonia, quando recebe-nos o derradeiro gemido, paralyzando-nos  
a ultima sensação dolorosa !... a morte é então um anodyno sublime,  
é uma dadiva do céo !

Quantas lagrimas não enchuga, quanta desgraça não attenua, quan-  
to desamparo não protege, quanto desespero não consola, quanto op-  
probrio e infortunio não occulta no regaço de seu manto de marmore ?

Quando a morte apenas significa a extincção de um corpo, que se  
decompunha pela lenta de-aggregação de seus principios constitutivos ;  
quando a morte termina uma série ininterrompida de soffrimentos e  
dores, de mi-crias moraes e physicas, a sua acção exterminadora mais  
do que uma necessidade imprescindivel, é um dom da Providencia.

Quando, porem, esta augusta potestade desvia fatalmente o golpe

e fere a um pai de familia, e o derriba com a felicidade do lar, de que era esteio, estendendo sobre elle o crepe da viuvez e da orphandade, inundado com o mais amargo dos prantos...

Quando esse archanjo inexoravel que precipita na voragem de um tumulto o sacerdote da sciencia, o patriota sincero e desinteressado, o soldado do trabalho e da honra, o chefe pelo conselho da sabedoria e da experiencia, o modelo pelos mais elevados dotes do espirito e do coração, edificante pela pratica das mais raras virtudes, do mais acrisolado civismo, então a morte é um tremendo cataclysmo social, é quasi um roubo que a Providencia nos faz.

O açoute do simoun fatal, que partio nos angulos da lousa de um tumulto esta existencia robusta e preciosa, condensando nas caligens da eternidade as grandes esperanças, os nobres sentimentos e aspirações, e com elles as adiantadas e grandiosas idéas dos commettimentos de progresso moral e material que a preoccupavão, foi uma fatalidade inaudita, foi um golpe precoce, impiedoso e cruel!

E tu, illustre cidadão, ante cuja tumba nos prosterna dor e pesar immensos, tu foste grande, tu foste nobre, tu foste o prototypo do cidadão!

Pai de uma grande familia, tiveste extremos, ternura inexaurivel para a esposa e filhos e tua alma diffundia ainda os santos affectos da amizade, transcendia os castos e suavissimos effluvios da caridade e amor do proximo e da patria.

Quem não relembra ainda essa grandiloqua luta, em que na arena politica, na defensão dos principios, bateste-te heroicamente em prol das convicções que nutrias, e que tanto contribuirão com suas desillusões para amargurar e quiçá abreviar-te a existencia?

Quem te não admira ainda, medico do corpo e da alma, apostolo da sciencia e da caridade, n'aquellas calamitosas épocas, n'aquelles tetricos dias em que o terrivel flagello do Ganges passando entre nós derramava o pavor, a morte e a mais espantosa assolação n'esta capital, quem te não admira em sua gratidão e assombro, como se te estivesse ainda vendo debruçado sobre a misera encherga em que agonisava o pestifero, ao qual ministravas o remedio, a dieta e a esmola, ahi no sigillo e na sombra que povoavão o malfadado albergue do desvalido da fortuna, sem esperança de outra recompensa mais do que a satisfação de tua consciencia...

Quem te não memora ainda, tendo-te ouvido, unguido de amor e pedade evangelica, consolar o desespero, mitigar o soffrimento, e cerrar os olhos aquelles que a morte colhia-te nos braços, e que fechavão-se fitando o céu, que lhe apontavas na sublime religião do martyr do Golgotha?

E nem foi só como medico que honraste a sciencia: teu genio, tua infatigabilidade, teu espirito apprehendedor e audaz, abrio-lhe novos e latos horisontes á sua benefica applicação, e assim a nascente indus-

tria da provincia teve em ti um estimulo e um iniciador, um denodado campeão, que perlustrou-lhe o nome no grandioso certamen da industria internacional.

Nas artes e nas letras, como na agricultura, na industria, na politica e na medicina, tambem conquistaste renome e celebridade invejavel, como honraste os cargos administrativos de que por mais de uma vez foste consciencioso depositario.

O Parthenon de que eras um dos socios mais distinctos, vem tambem d'envolta com o pranto de tua deolada familia, de teus innumerados amigos, de uma população inteira, em tua campa, ainda aberta, derramar as lagrimas de saudade e de dor d'essa mocidade, que aspira ser digna do exemplo que lhe legaste em glorioso apanagio.

Dorme pois, em paz, esposo e pai desvelado, amigo leal e sincero, cidadão virtuoso e patriota, medico illustrado e caridoso !

Athleta do trabalho, do progresso e da liberdade, dorme na campa o somno da eternidade, e recebe no céu a recompensa dos justos !



## À MEMORIA DO CONDE DE PORTO ALEGRE

### I

Conto o cedro das longas serranias  
Que, sem tremer ás rijas ventanias,  
    Cae aos raios do céu,  
Assim do bravo a fronte laureada  
— Ao tufão dos destinos inclinada —  
    No sepulchro pendeu !...

Oh ! não ver eu no derradeiro instante  
Desprender-se aquell'alma de gigante  
    Da cadêa carnal !  
Ver a luz de seus olhos moribundos,  
Ainda fagulhantes como os mundos  
    Em noite tropical !...

Quando ess'alma voava á immensidade,  
O seu nome subia á eternidade  
Pela escada — do sonho de Jacob...  
— Todos chorão a morte do guerreiro !  
Como é bello, meu Deus, — um povo inteiro  
    Chorando — um homem só !

### II

Quem foi que em Tuyuty, surprehendido  
Por imigas phalanges, destemido  
    Da morte escarneceu ?  
Quem — sinão tu — mostrou que os brasileiros  
Vão altivos vencer Monte-Caseros  
    Após Montevideo ? !

Quem foi, immortal conde, que á vanguarda  
D'esses bravos que rião da bombarda  
De innumerados canhões,  
— Com a espada doirada ao sol das glorias  
Burlava epopéas de victorias  
Nas longes regiões ?

Tu, que a espada na cinta não detinhas  
N'essas priscas campanhas cisplatinas  
— Ao lado de teu pai —  
E após esse diluvio de pellouros  
— Velho e cansado ! — foste inda mais louros  
Colher no Paraguay ;

Tu, que, vendo morrer os teus soldados  
Pelas balas inimigas desimados,  
Pedias a tua vez...  
Quando, no mais renhido das batalhas,  
A orchestra desvairada das metralhas  
Retumbava a teus pés ;

Tu, que colheste impereciveis glorias,  
Que contaste os teus dias por victorias  
Aos hymnos marciaes,  
Quando em nuvens do fumo de bombarda  
Fulgíão as dragonas de tua farda  
Ao sol dos paraguays ;

Tu não morreste, não, illustre conde !  
Como quando p'ra nós o sol se esconde  
Na banda occidental,  
Surge na parte opposta d'este mundo,  
Assim o teu espirito profundo  
Revive — és immortal !

### III

Heróe—talhado ao molde dos colossos !  
Deixou no chão da patria os frios ossos  
Que estamos a carpir.

Armas em funeral ! — n'esse altaide,  
Onde a bravura abraça-se á virtude,  
Inclina-se o porvir !

Silencio !... Dentro d'esse esquite augusto  
As grandezas — resumem-se n'um busto,  
N'um átomo de pó !...  
Prantêa, ó patria, a morte do guerreiro,  
Porque é bello, é sublime — um povo inteiro  
Chorar — um homem só !

MUCIO TEIXEIRA.

Setembro — 1875.

## À MEMORIA DO CONDE DE PORTO ALEGRE

1

Jaz morto o bravo Conde ! Peito ingente  
Afeito às lides de aguerridas pugnas,  
Não sente a vida palpitar-lhe ardente,  
Não mais s'inflamma de spartano ardor !  
Jaz morto o bravo Conde ! A patria, em luto,  
Banhada a fronte de eternal tristeza,  
Paga-lhe agora maternal tributo  
Chorando o lutador !

Impassivel heróe que tinha n'alma  
Sagrado fogo a crepitar sem termo...  
Na fronte augusta, resplendente e calma  
Brillhou-lhe a c'róa d'immortaes laureis !

Na vanguarda das bellicas cohortes  
Tinha a victoria a scintillar no gladio,  
Tomando praças, assaltando fortes  
Dos inimigos crueis !

A' coragem sem par de um Leonidas  
Juntava de Aristídes a virtude ;  
Em Moron, Tuyuty, lutas renhidas,  
Vio as hordas brutaes tombar-lhe aos pés.  
Aguia inundada nos clarões da gloria,  
Elevou-se das horas ao fastigio !  
Foi grande nos applausos da victoria !  
Foi grande no revez !

Ao rapido fulgor das bombardeiras,  
Aos terriveis embates da metralha,  
Commandava as belligeras fileiras  
Inundado das chammas do canhão !  
Affrontando da morte os mil perigos,  
Destruindo abatizes dos vallados,  
Desfraldava nas plagas de inimigos  
Brazileo pavilhão !

Tal foi a vida heroica do guerreiro  
Que envolveu-se da morte em fundo abysmo,  
Sem ouvir no suspiro derradeiro  
O bramir dos canhões que tanto amou !  
Typo severo dos romanos vultos  
Peito expansivo em sentimentos nobres  
Que á liberdade consagrava cultos  
A campã nos roubou !

A' sombra dos cyprestes funerarios  
Repousa o forte que viveu de lutas  
Infundindo na mente dos contrarios  
Respeito á valentia da Nação !  
A frente que elevou-se altiva e nobre  
Agora é descórada no sepulchro :  
A pedra tumular protege e cobre  
O grande cidadão !

Curvemos hoje a frente entristecida  
Ante a desgraça que o ferio de morte ;  
O bravo consagrava toda a vida  
A's glorias do Brazil, que extremeceu !  
Era o typo perfeito do soldado  
Austero cumpridor da disciplina !  
Lamentemos um bravo denodado  
Que o Rio Grande perdeu !

Descança, lutador ! Teus altos feitos  
Vivem na historia da brazileia terra !  
Se em todos corações ergueste preitos,  
Em todos corações perdurarás !  
Tu que, arrojado, conquistaste um nome  
— Excelsa gloria do Brazil inteiro —  
Tu tens aurcola de immortal renome !  
Tu sempre viverás !

Porto Alegre, Outubro de 1875.

DAMASCENO VIEIRA.

## O INVERNO

O céu se peja de nuvens,  
O sol seu brilho já perde  
Das varzeas o manto verde  
Encobre niveo crystal.  
Nas dobras do firmamento  
Se escondem dubias estrellas,  
São recatadas donzellas  
Tremem a vista do mal.

O azul do rio escurece  
E na onda turva que embala,  
Sem um destino resvala  
O botão do nenuphar.  
Aonde irá? Ninguém sabe!...  
Vai tristonho e solitario  
Cumprindo cruel fadario  
Até um dia murchar.

A leve franja que borda  
Dos arvoredos a rama  
Já não sente a doce chamma  
Do sol quente do verão.  
O vento frio da noite  
As folhas vão já sentindo,  
E dos galhos vão cahindo  
Alastrando todo o chão.

As andcrinhas vão longe-  
Batidas do vento frio,  
Deixão o aspecto sombrio  
D'um céu de medonha côr,  
Vão em busca d'outros climas,  
De outras entranhas paragens,  
De outro sol, d'outras montanhas  
De mais vida e mais calor

No mais espesso do bosque,  
No mais cerrado da fronde  
Ahi a rola se esconde  
Para seus males chorar.  
Triste e só, a pobresinha,  
A cada folha que treme  
Seu peito palpita e geme  
Como as ondinas no mar.

No cerro as aguas engrossão...  
Morrem as flores nos campos,  
Cruzão doudos perilampos  
Em um continuo vagar.  
— São fragmentos de estrellas  
Lagrimas de nebulozas,  
Existencias luminosas  
Que para o céu hão de voltar.

Em tudo vê-se a tristeza  
Quer de noite, quer de dia,  
Na selva a doce harmonia  
Das avesinhas morreu.  
A natureza soluça  
E veste o crepe da morte.  
Succumbe ao peso da sorte  
Que a providencia lhe deu.

14 de Junho de 75.

ACHILLES PORTO ALEGRE.

EM DIA DE MEUS ANNOS

Meus sonhos de ventura, meus cantos de creança  
Voarão na orphandade aos ventos da de graça,  
E nem o rio que corre, e nem o som que passa,  
Me dão nos echos tristes um beijo de esperança !  
Meus sonhos de ventura, meus cantos de creança !

O' campinas do sul ! ó margens do Guahyba !  
Já não saudaes com flores o dia de meus annos ;  
Vampiro de cuidados, cuidados mil, tyrannos,  
O estro de meus hymnos cruento agora liba !  
O' campinas do Sul ! ó margens do Guahyba !

O' tardes venturosas ! ó noites dos meus lares !  
Minh'alma é um oceano revoltado em mil idéas,  
Em mil desejos vagos, á voz de mil sereias,  
Nas ondas das paixões, ao sopro dos pezares !  
O' tardes venturosas ! ó noites dos meus lares !

Adeus ! ó meu passado ! adeus ó meus amores !  
Anjo que tanto amei, adeus, adeus, eu sigo...  
Peregrino da dor — já vejo o meu jazigo...  
Poeta — vou morrer do aroma de mil flores...  
Adeus, ó meu passado ! adeus, ó meus amores !...

Rio de Janeiro.

F. A. FERREIRA DA LUZ.

## CHRONICA

Dois grandes vultos desaparecerão na sombra impenetravel d'além-mundo.

A provincia do Rio Grande do Sul abriu dois tumulos; o paiz inscreveu nas paginas da historia dois grandes nomes: — Dr. Ubatuba — que resume as benções de um povo; — conde de Porto Alegre — a epopéa do heroismo e da gloria, burilada na consciencia de um seculo!

Emquanto o homem da sciencia pendia a fronte resfriada pelos gelos da morte, ainda iriada pelos reverbéros de uma consciencia immaculada, o batalhador titanico, essa estatua de colloso — que tinha a patria por pedestal, cerrou os olhos de aguia, batidos pelo fulgor de novos horizontes, semelhante ao sol que descahe no occidente para illuminar novas frentes...

O *Parthenon Litterario* mistura seus soluços aos gemidos da patria — *Mater Dolorosa* — cujos olhos, nunca enchutos, contemplão estes dois tumulos mal cerrados — ainda humentes das lagrimas com que hontem orvalhavão a pedra nua da sepultura de Varella.

\*  
\* \*

*Bibliotheca Rio-Grandense* — é o titulo de uma nova publicação que breve apparecerá n'esta capital. O Sr. J. J. da Silva, teve a feliz idéa de edictar as producções dos mais distinctos litteratos nossos com-provincianos para dal-as mensalmente ao publico, n'um volume in-16 brochado de mais de 200 paginas. O primeiro numero, que já se acha no prélo, intitula-se — *Paysagens*. e consta de contos do nosso festejado escriptor Iriêma.

\*  
\* \*



A associação *Fraternidade Escholastica* distribuiu o primeiro numero de sua revista mensal — *Aurora Litteraria*.

Collaborada por estudantes do acreditado collegio do Sr. Fernando Ferreira Gomez, muito jovens ainda, a *Aurora Litteraria* encerra bellezas reaes, originalidade de imagens e belleza de estylo.

Suas folhas, ainda perfumosas das flores da ante manhã da vida, prendem a attenção de quem as lê; ha um não sei quê de mystico n'aquella linguagem facil, que o pensamento vóa inebriado da primeira pagina do programma á derradeira linha da chronica, como que escutando a surdina encantada das brisas crepusculares na folhagem verde-escura dos arvoredos...

Nossos sinceros parabens á infancia que estudá e que trabalha, prostrada ante as aras do sublime, com o sorriso da esperanca á flor dos labios e a fronte illuminada pelo fogo sagrado das aspirações.

E' com a alegria verdadeira e espontanea das almas que têm fé no idéal e que ainda não se deixarão contaminar pelo sceptismo que envenena uma grande parte da sociedade actual, que nós, o mais obscuro obreiro do pensamento, interpretando os sentimentos do *Parthenon*, saudamos tão promettedores athletas do porvir.

\*  
\* \*

Salvador de Mendonça, o infatigavel traductor dos mais bellos romances francezes, que o Sr. B. L. Garnier tem edictado, acaba de enriquecer nossa litteratura com o *Rei Candale* e *Fortunio* de Theophilo Gautier.

Inutil seria recommendarmos obras firmadas por tão eminentes litteratos.

\*  
\* \*

A sociedade *Litteraria Gabrielense* realisou duas palestras nos dias 14 e 22 do corrente.

N'esta epocha, em que esta capital saúda com enthusiasmo a marcha progressiva dos *Ensaio Litterarios*, *Fraternidade Escholastica* e *Polymnia*; em que a cidade do Rio Grande recebe com alegria os primeiros numeros de um novo periodico — *Colibri*, a *Chrysalida*, orgão da *Litteraria Gabrielense*, collaborada por moços de bastante talento e esmerada illustração, occupa um dos mais prominentes lugares na imprensa do nosso paiz.

\*  
\* \*

Tendo chegado bastante tarde, sentimos immensamente não ser possível inserir se n'este numero da *Revista* a mimosa poesia de nosso particular amigo o intelligente e modesto jovem Sr. Franco Bueno.

\* \* \*

Não realisou-se o *saráo* d'este mez, devido á infausta noticia do fallecimento do illustre conde de Porto Alegre; no Rio de Janeiro, onde representava esta provincia na camara temporaria.

MUCIO TEIXEIRA.

*Às Brás de Garibaldi*